

**MENSAGEM DO SUPERIOR GERAL  
A RESPEITO DO SÍNODO DOS BISPOS SOBRE OS JOVENS,  
A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL  
“UMA IGREJA EM ESCUTA E EM CAMINHO COM OS JOVENS”**

Caríssimos irmãos,

Domingo 28 de outubro 2018, com a solene Celebração eucarística presidida pelo Papa Francisco, concluiu-se a XV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, que teve por tema “Os jovens, a fé e o discernimento Vocacional”. Parece-me que todo esforço de síntese do Documento Final, facilmente acessível na versão digital, será sempre parcial devido a tantos conteúdos e particularidades que traz consigo. Ele, na sua integralidade, é a referência principal na qual cada um poderá encontrar, de forma completa, os conteúdos sobre os quais o Sínodo refletiu e as propostas à inteira comunidade eclesial a respeito do mundo juvenil e a respeito de algumas realidades a ele ligadas. Meu objetivo nesta mensagem é unicamente o de sublinhar alguns aspectos, que julgo importantes após o encerramento deste evento eclesial ao qual tive a graça de participar.

Estavam presentes no Sínodo cerca de 350 pessoas entre bispos, sacerdotes, religiosos, leigos e expertos, homens e mulheres dos cinco continentes provenientes dos mais diversos contextos culturais, sociais e eclesiais e com diferentes sensibilidades a respeito do mundo juvenil. Tudo se desenvolveu num clima de abertura, esperado e querido pelo Papa Francisco, presidente do Sínodo. Respirou-se, portanto, desde o início, um ar de liberdade de expressão, respeito, cordialidade e alegria, mesmo diante da diversidade de opiniões e ideias que pouco a pouco iam se manifestando. A presença do Santo Padre, especialmente nos trabalhos em aula, e a sua forma simples de relacionar-se com todos – também com aqueles que, nos tempos livres, aproximavam-se dele – muito ajudou a criar um clima descontraído.

Foram iluminadoras as palavras de Francisco na homilia que fez na Missa de abertura do Sínodo, dia 3 de outubro, na qual convidou os participantes (mas também toda a Igreja) a pedir a ajuda do Espírito para reavivar aquele ardor e aquela paixão evangélicos, que por sua vez geram ardor e paixão por Jesus e que despertam e renovam a capacidade de sonhar e esperar, duas atitudes estreitamente relacionadas ao mundo juvenil.

Nesta homilia Francisco exortou os participantes a enfrentar com esperança os trabalhos que o Sínodo estava para tratar sobre o mundo juvenil: *“Ungidos na esperança, começamos um novo encontro eclesial capaz de ampliar horizontes, dilatar o coração e transformar as estruturas que hoje nos paralisam, separam e afastam dos jovens, deixando-os expostos às intempéries e órfãos duma comunidade de fé que os apoie, dum horizonte de sentido e de vida (cf. Exort. ap. [Evangelii gaudium, 49](#)). A esperança interpela-nos, move-nos e rompe o conformismo ditado pelo «sempre se fez assim», e pede que nos ergamos para olhar diretamente o rosto dos jovens e ver as situações em que se encontram. A mesma esperança pede que trabalhemos por derrubar as situações de precariedade, exclusão e violência, às quais está exposta a nossa juventude”*.

Mas de quais “jovens” se falou? O Sínodo tinha consciência de que *“todos os jovens, ninguém excluído, estão no coração de Deus e portanto também no coração da Igreja”*. Todos os jovens, portanto: aqueles que já pertencem às comunidades de fé, isto é às paróquias e às

comunidades eclesiais e, neste âmbito, também aqueles que se sentem chamados à vida religiosa e sacerdotal; mas também, e com especial atenção, aqueles que, independentemente da fé deles, buscam um sentido para a vida, os jovens migrantes, os desempregados, os que têm alguma invalidez ou marcados por doenças. Jovens, vítimas da violência, de abusos ou de diversas formas de dependência. Enfim, todos os que se sentem vítimas daquela que o Papa chama de “a cultura da exclusão”.

A presença de 34 jovens no Sínodo, não como simples auditores mas também com suas intervenções nas sessões plenárias e nos grupos linguísticos, foi uma forte advertência a escutá-los e a dar “respostas concretas” às suas perguntas e às diversas situações em que vivem. No Sínodo ficou claro que a Igreja deve enfrentar as diversas realidades juvenis e, nos passos de Jesus, dar respostas, ajudando os jovens a “discernir” suas escolhas, principalmente aquelas fundamentais que decidem o futuro deles.

Além dos aspectos relativos diretamente ao mundo juvenil e à sua relação com a Igreja, a metodologia com a qual o Sínodo se desenvolveu (considerando também toda a sua fase de preparação) nos fez ver que é possível “caminhar juntos”. Como afirma o Documento Final: *“A experiência vivida tornou os participantes no Sínodo conscientes da importância de uma forma sinodal da Igreja para o anúncio e a transmissão da fé. A participação dos jovens contribuiu a ‘despertar’ a sinodalidade, que é uma ‘dimensão constitutiva da Igreja’”*

Nesta perspectiva, falou-se de sinodalidade para a missão, ou mais precisamente de “sinodalidade missionária”, termo para se aprofundar para que ela se torne um método colegial também para os nossos Capítulos e as nossas Assembleias, como para toda outra forma de reunião comunitária em que tomamos decisões fundamentais para a nossa vida e missão. Neste clima de sinodalidade tive também um espaço de tempo para uma intervenção no plenário, com a qual procurei levar a refletir sobre uma temática importante à luz do nosso carisma, mais precisamente sobre a presença dos jovens no ambiente digital, cujo conteúdo foi publicado.

O Sínodo, enquanto evento, terminou. Agora começa para toda a Igreja, e obviamente para nós Paulinos e para toda a Família Paulina (porque não podemos nos sentir como um satélite que gira ao redor de si mesmo...), a fase de aprofundamento e de atuação das propostas presentes no Documento Final. À luz de tudo o que foi discutido, também nós devemos fazer-nos algumas perguntas, e entre estas vos proponho as seguintes: até que ponto hoje nós Paulinos nos abrimos ao mundo juvenil? Até que ponto vislumbramos esta realidade à luz dos sinais dos tempos? Que qualidade têm nossos contatos com os jovens? Somos sensíveis às diversas situações nas quais se encontram? O que fazemos de concreto para eles no nosso apostolado em nível editorial, por exemplo com as nossas publicações em papel e no ambiente digital?

Podemos fazer também outras perguntas a respeito especificamente no âmbito vocacional da nossa missão: que valor damos à pastoral vocacional? Como apresentamos aos jovens a proposta do nosso carisma, e como formamos os jovens que já estão nas nossas casas de formação? Nós os escutamos? Qual é o nível do nosso testemunho diante deles?

O Ano vocacional, que celebraremos como Família Paulina de 25 de janeiro de 2019 a 25 de janeiro de 2020, será sem dúvida uma boa oportunidade para aprofundar a nossa vocação e para nos sensibilizar sobre a pastoral vocacional, que é uma das nossas prioridades. Também a realização, no mês de novembro do próximo ano, do 2º *Seminário Internacional sobre a Formação para a Missão* será um tempo propício para pôr em prática muitas belas ideias que nos ofereceu este Sínodo. Por enquanto peço a todos os Superiores de Circunscrição que, com seus Conselhos, façam animação mediante a leitura e a reflexão do Documento Final do

Sínodo, envolvendo neste trabalho também os Coordenadores gerais da Formação e seus Conselhos.

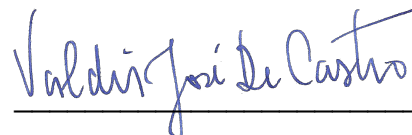
Neste Sínodo insistiu-se que somos chamados, como Igreja, não somente a oferecer “conteúdos” aos jovens, mas sobretudo a ajudá-los a encontrar Jesus, para que sejam também eles protagonistas da evangelização. Não é o caso, portanto, de se maravilhar que as três partes do Documento Final são iluminadas pela paradigmática passagem do Evangelho de Lucas sobre os discípulos de Emaús.

Abramos aos jovens as portas do coração e das comunidades, não somente para lhes dar orientações, mas também para escutar e acolher suas sugestões, para que possamos rejuvenescer a Igreja. Quanto à nossa Congregação e à Família Paulina, o augúrio e a esperança é que nós possamos de verdade ajudá-los a descobrir Jesus, que para nós é o Mestre, Caminho, Verdade e Vida, e a ser protagonistas na evangelização, no espírito do apóstolo Paulo, na cultura da comunicação!

Termino esta minha mensagem recordando a insistência do Sínodo sobre a dimensão do testemunho pessoal e comunitário, condição imprescindível para atrair os jovens. A parte final do Documento Final fala justamente da santidade como estilo de vida, como forma concreta de testemunhar Jesus: *“Nós devemos ser santos para poder convidar os jovens a se tornarem santos. Os jovens pediram em coro uma Igreja autêntica, luminosa, transparente, alegre: só uma Igreja dos santos pode estar à altura de tais pedidos! Muitos deles a deixaram porque não encontraram nela a santidade, mas a mediocridade, presunção, divisão e corrupção”*. Possamos nós dar testemunho de uma Igreja – e de uma Congregação e da própria Família Paulina – sempre mais iluminada pelo Evangelho!

Fraternamente

Roma, 1º de novembro de 2018



---

Pe. Valdir José de Castro, ssp

Superior geral